

# RAUL BAZA: UM EXECUTANTE DE DANÇA E UM TALENTO DE ACTOR E BAILARINO

Dom. 26/2/84

Olhos enormes a saltar das órbitas ou convergindo, em movimentos rápidos, sobre o nariz; a oscilação rítmica da cabeça, os passos fortes e vigorosos — este é o Raul Baza, talentoso dançarino que muitos se habituaram, desde há anos, a aplaudir em espectáculos públicos. O Xigubo é a sua dança preferida, mas também executa perfeitamente Xingomana, Fena, Marrabenta, Nganda, Niketxe, Makwaela, Buganda e outros ritmos.

«Tenho a dança no meu sangue e reajo ao rufar do tambor, dos pés aos cabelos» afirma, seriamente, o dançarino que tem actualmente 54 anos. Em palco, salta, faz cambalhotas e rebola no chão como um garoto, demonstrando uma agilidade e resistência física impressionantes. É um mimico, um actor, um bailarino e um coreógrafo potencial, cujo talento nunca foi cabalmente cultivado.

Um dos números preferidos do público é, sem dúvida, o «Manikénike». Diz que é a história de um corvo, muito bravo, que voa todos os dias grandes distâncias em busca de alimentos para as suas crias. Pelo caminho, enfrenta perigos, entre os quais as flechas dos caçadores que o querem abater. Estes usam de arminhas para o atrair e um dia consegue matá-lo. A dança, cantada em zulu, é verdadeiramente espectacular. Raul Baza consegue prender a atenção do público através da sua voz e principalmente dos gestos, do jogo dos olhos e da boca, dos saltos e outros recursos empolgantes de que é capaz.

«No ano passado, conta-nos, quando a Companhia Estatal de Canto e Dança esteve em digressão pela Europa, o público da RDA pediu-me para executar o Manikénike, que não constava do nosso repertório. Fiquei surpreendido, mas alguns espectadores tinham-me visto actuar em 1980 e lembravam-se do número. Tive de o executar e foi um sucesso».

## DANÇARINO DESDE CRIANÇA

Raul Baza é um homem que se tem dedicado à dança praticamente durante toda a vida.

«Quando criança, gostava de ver todo o tipo de danças que se executam na região de Maputo e Gaza. Assim aprendi a dançar. Entre 1948 e 1955, estive na África do Sul, onde me aperfeiçoei na dança de Xigubo, meu ritmo preferido».

Se se lhe pergunta qual o razão

desta predilecção, Raul Baza responde, sem hesitação:

«Gosto do Xigubo porque é uma dança vigorosa, viril. Dança de guerreiros. É a dança dos homens que gostam de se afirmar, de ser valentes e fortes; de vencer. Ai não há sorrisos como na Marrabenta».

Afirma que não é capaz de estar quieto quando ouve tambores percutindo o Xigubo, seja onde for, «porque é um ritmo que eu sinto, que corre no meu sangue».

O Xigubo é uma dança com tradições guerreiras, ligada também à resistência anti-colonial. Por isso o regime fascista português via-o com suspeita, conforme nos conta Raul Baza:

«Em Marracuene, era costume organizarem-se anualmente festas públicas no mês do Fevereiro. Dançava-se então o «Gweza Muthini», uma das variantes do Xigubo. Uma vez, eu assisti a um acto de repressão do poder colonial, por causa dessa dança. Aconteceu que um velho que estava a dançar Muthini, não sei porquê, entusiasmou-se de tal maneira que parecia estar em êxtase. A dado momento, ajoelhou-se perante o régulo que assistia à festa, ao lado do administrador colonial. Empunhando a sua lança, perguntou ao régulo: «Nangwaza, Khossi, que quer dizer, «posso estar nele, excelência»? O régulo atropalhado, mas reagindo com rapidez, respondeu negativamente».

O administrador não entendeu a linguagem, mas apercebeu-se de que qualquer coisa estava a correr mal. Perguntou ao régulo o que o

velho queria. Este confessou e o dançarino foi imediatamente preso.

Por causa de Xigubo, Raul Baza afirmou que ele próprio sofreu intimidações por parte das autoridades coloniais.

«Um dia, estava a actuar com o meu grupo no «Folclore». Durante a dança do Xigubo, senti-me alucinado e deixei cair lágrimas involuntariamente. Ao intervalo, fui convidado a uma mesa onde estavam sentados quatro senhores. Eles interrogaram-me durante duas horas sobre o motivo do meu choro. Apesar de lhes dizer que não me tinha apercebido desse facto, eles insistiram querendo saber qual o significado do Xigubo, por que razão eu gostava desta dança, etc. Claro que eles eram da PIDE. Não sei se apuraram alguma coisa; o certo é que me deixaram em paz e continuei a actuar mesmo nas noites».

## UM JOVEM COM MAIS DE 50 ANOS

Raul Baza é um homem bem constituído fisicamente. Mantém-se ágil e flexível graças aos exercícios físicos que pratica diariamente «para poder executar qualquer tipo de dança».

«A dança que pratico requer uma boa ginástica. Exige-se fazer cambalhotas, deixar-se cair no solo, enfim uma série de atitudes que muitos jovens, sem preparação física, não conseguem fazer. É preciso muita força de vontade».



Raul Baza: «Tenho a dança no meu sangue».

Há muita gente — continua Raul Baza — que se admira quando lhes digo a minha idade. Porque é que não envelheces: perguntam-me com frequência. Digo-lhes que não sei. Não tenho sequer cabelo branco e não uso produtos químicos para mantê-lo preto. Não tenho alimentação especial. Apenas faço ginástica e dança.

Apesar de sentir-se fisicamente bem, Raul Baza está preocupado em transmitir a sua experiência aos mais novos, para que estes possam continuar a executar correctamente as danças que conhece. Além de executar com facilidade todo o tipo de danças, toca também clarinete, tambores e outros instrumentos musicais.

«Domino também o trompete, mas deixei-o por causa da minha idade. É necessário ter fôlego e, felizmente, o meu filho mais velho, com 22 anos, sabe já tocar muito bem esse instrumento. Aliás todos os meus filhos são bons músicos», afirma.

Presentemente, além das actuações com a Companhia Estatal de Canto e Dança (em formação) e com o seu próprio grupo particular, Raul Baza ensaia pequenos grupos de jovens e crianças no Centro de Estudos Culturais.

«No ano passado trabalhei com um grupo infantil da Escola Primária da Guerra Popular. Formámos um bom grupo mas, infelizmente, já se desmembrou porque alguns alunos passaram para as escolas secundárias. Irei de novo às escolas primárias vizinhas do CEC, para ver se dinamizamos a dança no seio dos jovens. No nosso plano, está também um contacto com a escola secundária Francisco Manganja, para ver se formamos um grupo nesse estabelecimento. Além dos jovens também tenho trabalhado com grupos culturais de

empresas, como é o caso do da EMOSE».

## OS JOVENS NÃO GOSTAM DE DANÇAS

No que respeita ao ensino da

dança, há um aspecto que Raul Baza considera negativo:

«Os jovens não gostam das nossas danças tradicionais. Preferem música moderna, estrangeira. Mesmo aqui, no Centro de Estudos Culturais, há muitos que vieram para fugir à Operação Produção. Poucos participam nas danças, porque não gostam delas». Segundo ele, não são apenas os jovens em idade escolar que têm tal comportamento:

«Há também adultos que julgam que, por serem doutores, engenheiros não podem executar danças africanas. Mas eu vi, em muitos países, engenheiros e médicos em palco, interpretando danças populares ou a fazer qualquer coisa para animar os espectadores. Fiquei muito sensibilizado».

Raul Baza já trabalhou nos Caminhos de Ferro, primeiramente como motorista e depois noutros serviços, mas actualmente está afecto, em tempo inteiro, ao CEC, onde é o responsável das actividades culturais. Nestas actividades ocupa todo o dia, porque além da preparação dos alunos do centro, ali realiza, a partir dos 18 horas, ensaios com o seu grupo privativo.

«Agora sinto-me realizado, porque posso dedicar-me 24 horas a fazer o que mais gosto. Mesmo nos sábados à tarde, continuo a ensaiar com o meu grupo. Aos domingos, vou ao Jardim Zoológico ver outros grupos em actuação, porque não posso ficar sem ouvir o rufar dos tambores».

Além disso, diz Raul Baza, o intercâmbio é necessário para se evitar a estagnação.

«Se a gente fica parada, não aprende. Há sempre passos novos que se introduzem na dança. Muitas vezes aprendo com os meus alunos. Há um passo que um deles dá de que gosto e passo a registar. É preciso que a dança não morra».



«Pratico exercícios físicos para poder executar qualquer tipo de dança».